

TRÊS DESEJOS

UM

Quando cheguei ao quarto e encontrei meu pai, eu sabia que ele ia se matar. Ele estava sobre uma cadeira, resolutamente enrolando uma corda em seu pescoço. Eu tinha dez anos. E sabia exatamente o que iria acontecer. Chorando, ele olhou para mim e, em seguida, pulou do móvel. Evidentemente, transcorreu um tempo suficiente para eu chamar alguém que pudesse acudi-lo. Eu mesma, apesar da minha débil força infantil, poderia ter tentado suspendê-lo. Contudo, quedei-me onde estava, plenamente petrificada. Observei o meu pai se debatendo até a mais completa ausência de ar.

Minutos depois, minha mãe apareceu no quarto e se desesperou ao ver aquela imagem sinistramente hipnotizante. Um corpo inerte em discreto movimento pendular, lento, lindo. Um movimento que apenas eu parei para admirar. Sou arrancada desse estado de exultante perplexidade através dos gritos ensandecidos de minha mãe. Empurrou-me com violência, para que eu desobstruísse o caminho; fui então arremessada para um canto obscuro do cômodo, de onde assisti ao desespero incontido de minha mãe. Depois disso, vastas lacunas se instalaram em minha memória, me impedindo de recordar, com fidedignidade, o impacto subsequente daquele ato, a meu ver, heroico.

Dentre o pouco que lembro, me vem à mente a imagem de que saí a perambular pela pequena cidade interiorana em que morava. Inicialment, atravessei a rua em frente a casa que habitávamos (rua esta que era caracterizada pelas pessoas como condenada por uma tenebrosa corrente de energia negativa, uma vez que, naquele fatídico local, demasiadas mortes aconteceram misteriosamente — uma casa subitamente desabou matando mãe e filho que lá dormiam; o dono de um popular bar foi esfaqueado até a morte por engano; uma vizinha nossa foi brutalmente estuprada e esganada). A cada passo, fui perdendo progressivamente o senso de orientação. Juvêncio, o “louco” da cidade, andarilho amplamente conhecido por suas trágicas premonições e por viver cercado de cachorros horripilantes. Ele e seus animais aproximaram-se de mim, fazendo-me experimentar uma agonizante sensação de pavor.

“Você vai morrer cedo, garota”, disse o vidente, agarrando meu pulso enfraquecido e mirando fixamente os meus olhos perturbados.

A fatalidade daquele presságio surtiu um momentâneo efeito anestésico sobre o meu tormento. Se a morte me assombrava, nada melhor que a própria morte para por um fim àquela angústia. Desvencilhei-me de Juvêncio e sua matilha. Continuei a minha caminhada

em direção a um rumo desconhecido. Quando me retornou a lucidez, eu estava diante do cadáver de meu pai, estatelado sobre a mesa da sala. Impressionou-me sua pele pálida, seus olhos cerrados, seu nariz preenchido de algodão, sua boca ressequida. Impressionou-me ainda mais a balbúrdia lamuriosa de minha mãe frente as pessoas que acorreram para nos dar os pêsames.

Durante muito tempo, imaginei que a minha mãe é quem iria se matar, de tanto ouvi-la amaldiçoar a própria vida, vitimizandose a todo momento, convocando insistentemente a morte para aplacar a sua dor. E meu pai... Silente. Ausente. Uma pessoa misteriosamente inacessível. Certamente guardava um magnífico segredo. Assim eu imaginava e tentava em vão desvendá-lo, com a minha mente de criança, mas sempre esbarrando em vazios incontornáveis.

Ao longo do velório, a casa foi envolvida em uma atmosfera intolerável. Cheiro nauseabundo de morte, de pecado, de horror. Para mim, pior do que ter que lidar com a morte propriamente dita, era ter de enfrentar os macabros ritos fúnebres. Choro, gritos, lamentos, velas, flores, missa, enterro — tudo isso sempre me causou cambaleante angústia.

A caminho do cemitério, me desgarei daquele cortejo repugnante e corri em direção ao rio, a despeito dos gritos alucinados de minha mãe. Aquelas margens eram um lugar proibido. Ali, três meninas foram enigmáticamente agredidas, estupradas e assassinadas há um ano. A minha mãe sempre me dizia para não percorrer sozinha aquelas paragens. Todavia, havia algo que me atraía até lá. Em meu peito, irrompia uma vontade de que alguma coisa de ruim acontecesse e que me fizesse sumir que nem aquelas meninas. Não queria ter que enfrentar o que estava por vir. Agora, éramos somente eu e minha mãe. Meu pai, apesar de omissos, trazia um bocado de harmonia para aquele convívio dramaticamente difícil.

Minha mãe era a oitava filha de um total de nove. Seu pai morreu muito jovem; despencou do cavalo, enquanto corria atrás de um de seus bois que havia fugido do curral. Sua mãe faleceu devido um tumor no útero que lhe causava indescritíveis dores. Dos irmãos, apenas tia Carmem permanecia viva; os demais pereceram. Proveniente de uma família marcada fatalmente pela morte, minha mãe pouco fala sobre os entes. Se sentia dor ou saudade por tantas ausências, nada disso era transmutado em palavras. Por sua vez, tia Carmem, que morava com a gente, era expansiva, sorridente, brincalhona. Talvez por isso era tão odiada e criticada tanto por mamãe quanto por papai. O meu pai era o que chamavam de forasteiro. Vindo de outro estado, havia abandonado a cidade natal para tentar a sorte mundo afora. Nunca entendi bem essa história. Talvez seja aí que reside o seu segredo. Para mim, havia algo de muito terrível para ele ter saído radicalmente da casa paterna e nunca mais ter

voltado. E nem nunca ter nos falado sobre seus parentes. Depois da morte de papai, passei a imaginar o quanto essa distância dos seus entes deve ter influenciado sua decisão final. Outro ponto da história da minha família que nunca entendi foi como havia se dado o matrimônio de meus pais. Como eles teriam se conhecido? Eles tinham verdadeiramente se apaixonado? Absolutamente nada era comentado sobre isso. E, quando eu perguntava, prontamente mamãe desferia uma chinelada na minha boca.

Com a morte de papai, minha mãe foi atingida por uma tristeza tão magnânima que ficou adormecida por sete dias e sete noites, ininterruptamente, tal qual uma morta. Tia Carmem era quem passou a cuidar de mim. Passou a dormir comigo no quarto, já que, ao contrário de mamãe, eu não conseguia pregar os olhos nem por um segundo, tamanho o medo. Mas o que era pra trazer segurança, trouxe ainda mais pavor. Ela tinha um namorado secreto, terminantemente rechaçado por minha mãe. Como naqueles dias, a tia não podia me deixar sozinha, de madrugada, o seu namorado, Conrado, invadia a nossa casa e saía procurando a minha tia, com um vela acesa na mão, pelos cômodos. Não tenho como descrever o terror que senti ao ter meu corpo tocado por um ser desconhecido em meio as trevas, segurando apenas uma vela. Logo imaginei que era a alma penada do meu pai que veio me atormentar porque não lhe salvei. Só depois raciocinei que poderia ser o namorado da tia, procurando por ela. Também não desconsidere a hipótese de que ele sabia que era eu e só queria me bolinar. Tal namorado partiu da cidade algum tempo depois, deixando a tia catastroficamente inconsolável. Mergulhada numa selvagem melancolia, tal qual minha mãe, tia Carmem passou a se lamentar por nunca poder casar nem ter filhos com Conrado. Não entendia a tristeza dela por não ter filhos. Eu não desejava ser mãe, jamais traria, para essa vida bandida, para sofrer o mesmo que sofro. Eu, uma criança desprovida de esperteza, morando com duas mulheres deprimidas, sem ser vista, nem sou ouvida.

Durante tempos, não conseguia ultrapassar o portão do cemitério. Chegava até a entrada macabra, mas ia adiante. Não vi meu pai ser enterrado, mas sabia exatamente em que local ele foi sepultado, sem caixão nem nada, diretamente na terra. Minha mente era invadida por pensamentos bizarros em que eu via os vermes comendo cada parte do corpo do meu pai. Com frequência, eu ia até o cemitério e me postava diante do portão e ficava a devanear. Certa vez, esses pensamentos foram interrompidos pela voz grave de Tito, o coveiro:

“O que você quer aqui, menina?”.

“Minha mãe disse que quem pega na mão de coveiro fica sarada de verruga. Então, vim apertar sua mão”.

“Isso é crendice”.

“Por favor, me deixe pegar em sua mão”.

“Já disse que é crendice! Não amola!”.

Num rompante, agarrei a mão esquerda de Cícero e a segurei com firmeza, o que despertou nele um estranhamento. Uma mão grande, áspera. Embora estivesse suja de terra, a sua aliança dourada resplandecia. Estava apertando a mão do homem quem enterrou meu pai. Poucas vezes toquei a mão de meu pai. Quando eu estendia a minha mão, lhe pedindo a bênção, ele dizia “Deus te dê fortuna”, mas sem corresponder ao meu cumprimento. Falava cabisbaixo e saía de perto o mais rápido que podia. Soltei bruscamente a mão de Cícero e corri para os fundos do cemitério.

Naquele tarde em que toquei a mão do coveiro, o sol irradiava uma coloração inigualável, tingindo as coisas com uma tonalidade sépia. Uma cor que, naquela idade, eu não sabia nomear, mas que me tocou profundamente. Aquele breve contato com o coveiro me fez sentir tão à vontade que pensei em, pela primeira vez, entrar e visitar o túmulo do meu pai. Entretanto, algumas crianças aparecerem e desviaram minha atenção; ou fui eu que, covardemente, me deixei levar. Eram Lúcia e Lílian, duas garotas extremamente pobres, filhas de Isaura, uma mulher que, permanentemente, encontrava-se bêbada, caída pelas ruas da cidade. O pai passava muito tempo viajando e, certamente, deveria ter outras famílias por aí, pois, certa vez, Lúcia me disse que tinha vários irmãos em outras cidades. Eu sentia pena delas, ao vê-las completamente largadas, sem qualquer atenção, sem cuidado algum por parte dos pais. Mesmo assim, elas eram cordiais e pacíficas. Brincávamos juntas frequentemente, ao contrário das outras crianças que eram terminantemente proibidas pelos pais de brincar com elas, pois eram filhas de uma família desmantelada.

A brincadeira proposta por elas era de nos equilibrar em cima de um dos muros do cemitério. Como eu tinha um imenso medo de altura, preferi ficar embaixo, observando o desempenho das duas meninas, dando a nota para quem se saía melhor. Lúcia foi a primeira. Subiu habilmente e tentou se equilibrar naquele muro velho, carcomido, com vários buracos em sua estrutura. Subitamente, o muro desmoronou e partes das ruínas caíram em cima de Lílian, que aguardava recostada ao muro. Ainda me recordo da garotinha, sob as pedras, com uma de suas mãozinhas presa apenas por um fiapo de pele, sangrando, sangrando. Eu e Lúcia gritamos, suplicando por ajuda. Mais tarde, soube que ela tinha sido levada à capital e que sua

mão tinha sido amputada. Desde aquele dia, jamais voltei a me aproximar das redondezas do cemitério.

Numa manhã terrivelmente quente, a minha mãe me pediu para entregar uma encomenda à minha madrinha, que morava do outro lado do rio. Como era tempo de seca, não seria muito arriscado fazer essa travessia sozinha. As águas estavam baixas e o maior perigo que poderia existir era eu pisar inadvertidamente numa arraia enterrada na areia. Recentemente, o Chico, um conhecido da família, já havia sido ferroadado duas vezes e eu não queria ser a próxima da cidade a ser premiada. Principalmente porque eu não queria ser encontrada toda mijada e cagada como ele foi encontrado, tamanho o poder maligno da ferroadada. Antes de sair de casa, minha mãe me advertiu:

“Vá até a casa de comadre Zuleica e entregue esse doce. Seja educada e, ao encontrá-la, diga: ‘bom dia’, ‘boa tarde’, conforme a hora da chegada”.

Ordens dadas, pé na estrada.

Fui caminhando distraidamente, pensando nos dissabores da minha vida, imaginando se algum dia eu poderia escapar daquela miséria em que me encontrava. Tempos depois, cheguei ao momento crucial: o rio. Pé ante pé, fui atravessando o volume de água que havia restado naquele leito. O nível alcançava as minhas coxas. Felizmente, não havia arraia e o restante da viagem transcorreu sem problemas. Cheguei em casa de madrinha e, ao avistá-la, gritei com gosto:

“Bom dia ou boa tarde, conforme a hora da chegada”.

“Que disse, menina?”, perguntou minha madrinha obtusamente.

“Apenas repeti o que mamãe pediu”.

Ela pendeu para trás numa gargalhada que reverberou por todo o ambiente. Não entendi o porquê daquela risada ridícula e, somente depois, me dei conta de que havia repetido tal qual um papagaio o que minha mãe havia dito, sem raciocinar que eu deveria ter dito o cumprimento mais adequado ao horário. Imaginei que fosse algum código secreto dos adultos ao qual eu ainda não tinha acesso. Passada a vergonha, merendei e conversei com a madrinha sobre os últimos acontecimentos mais marcantes da região — mortes, doenças, falências etc. Tomei o rumo de casa com um saco de farinha e vários pedaços de bolo, presentes de madrinha para mamãe. Ao atravessar novamente o riacho, me tremi de medo de me desequilibrar e cair na água com os bolos. De súbito, pisei em algo que julguei ser uma

arraia e, imediatamente, perdi a compostura, despencando na água. Vi a farinha e o bolo naufragando. Fiquei desesperada e corri freneticamente para casa. Quando cheguei, minha mãe perguntou se madrinha Zuleica tinha mandado alguma coisa e eu, descaradamente, disse que não. Semanas depois, recebemos a visita de madrinha e ela perguntou à mamãe se ela havia gostado dos bolos e se tinha feito bom uso da farinha. De pronto, me refugiei em meu quarto. Após a partida das visitas, minha mãe foi imediatamente onde eu estava e perguntou onde estavam a farinha e os bolos. Gaguejando, eu disse que eu tinha escorregado e que as coisas tinham caído no rio. Ela não acreditou. Acusou-me de ter comido os bolos e de ter usado a farinha em brincadeiras com meus amigos. Levei um tremenda surra. Esse abominável episódio me fez lembrar do meu irmão. Se até agora eu não havia falado nele, é porque é um assunto por demais caro e difícil de lidar. Meu irmão, Lucas, era a única pessoa com quem eu podia conversar e compartilhar meus pensamentos. Oito anos mais velho que eu. Vários abortos e irmãos nascidos mortos separavam nossas datas de nascimento. Desde muito pequena fui apegada a ele. Admirava sua coragem, sua inteligência, sua capacidade para desafiar as ordens de nossos pais. Vivemos momentos muito difíceis, mas também felizes. Contudo, ele partiu.

Meu irmão havia ido embora há três anos e nunca mais dera notícias. Se foi porque levou uma baita surra da mãe. Ela havia pedido para Lucas ir pegar uma encomenda de carne, importante para o almoço, na casa da madrinha, mas, no caminho, ele parou para tomar banho de rio. Chegou tarde em casa, com o cabelo ainda úmido. Minha mãe terrivelmente cruel com ele. Derrubou a encomenda das mãos dele e lhe deu uma assombrosa surra de cipó, até deixá-lo estirado no chão. Contendo o choro com o máximo de força que podia, Lucas ergueu-se, olhou para a mãe e disse:

“Essa é a última vez que a senhora me bate”.

Na madrugada, ele arrumou as poucas coisas que possuía e foi embora, sem rumo conhecido. Somente muito tempo depois, enviou uma carta nomeada à minha professora Tatiana, pedindo que me repassasse as informações sobre o endereço e o telefone do lugar onde morava, sem revelar a mais ninguém. Enfi, pude descobrir que Lucas havia se arranchado em outro estado. Arranjou um emprego numa fábrica de biscoitos e passou a morar numa pensão. Os dias mais iluminados que eu tinha eram aqueles em que recebia suas cartas, sempre disfarçadas, para que nossos pais jamais soubessem onde ele estava. A surra que levei me fez pensar continuamente em Lucas.

No dia seguinte, fui ao posto telefônico. Quitéria, uma conhecida minha, era quem estava trabalhando lá, quando cheguei. Ao me ver, fez cara feia e indagou:

“Que você quer aqui?”.

“Comprar pirulito”.

“Quê?”.

“Claro que quero dar um telefonema”.

“Crianças não podem telefonar”.

“Quem disse?”

“O chefe”.

“Quero provas”.

“Provas?”.

“Provas de que você não quer me deixar telefonar só de birra”.

“Vai se danar”.

“Vai você!”.

Mostrei obscenamente a minha língua e me virei para ir embora. Entretanto, parei para refletir e cheguei à conclusão de que, se eu continuasse a ofendê-la, seria mais difícil de convencê-la a me deixar telefonar. Voltei para perto de Quitéria e usei todo o cinismo que pude:

“Quitéria, você está tão mais bela hoje”.

“Não me venha com adulação”.

“Por favor, preciso falar com meu irmão. Somente ele pode me salvar”.

“Salvar de quê?”.

“Assunto particular”.

“Então não posso ajudar”.

“Estou gravemente doente. As minhas regras não vêm mais. Está saindo um tumor do tamanho de uma tangerina das minhas partes. Minha mãe não acredita que seja algo grave e não quer me levar ao médico. Só meu irmão, que é mais esclarecido, poderia me ajudar”.

“Que horror!”

“Tenho medo de que, caso esse problema não seja tratado, eu nunca possa casar, ter relações, ter filhos e talvez nem urinar mais”.

“Vira essa boca pra lá, menina! Tudo bem, vou deixar você telefonar. Mas seja breve. Não quero ser flagrada desrespeitando as regras do trabalho”.

Quitéria fez os contorcionismos nos cabos do aparelho telefônico e me mandou para a cabine. Agora, era rezar para que meu irmão estivesse na pensão.

“Alô? Lucas? Sou eu”.

“Oi, Márcia! Que saudade”.

Ao ouvir a voz dele, não pude conter o choro. Há tempos não ouvia aquelas palavras tão cálidas.

“E esse choro? Aconteceu alguma coisa?”.

“Nosso pai morreu”.

Lucas fez um prolongado silêncio. Tentei imaginar diversas formas de dar aquela notícia, mas não consegui ir além disso. Afinal, eu tinha que ser breve.

“Como?”.

“Nosso pai, Lucas. Ele morreu”.

“Como ele morreu?”.

“Se matou”.

“Covarde até para morrer”.

“Por favor, venha me buscar. Não aguento mais viver com a mãe e a tia”.

“Não posso, Márcia. Não tenho como te sustentar. Mal consigo me manter”.

Arrasada, desliguei o telefone, sem nem ouvir o restante das justificativas. Sob o olhar curioso de Quitéria, saí do posto telefônico, sem um mínimo de esperança. Lucas era minha última saída. A última chance que eu tinha de ir embora, para bem longe daquela cidade de horrores. Daquela gente fofoqueira. Daquela agressividade maldita. Tudo falhou.

Voltei para casa com a cara inchada de tanto chorar. Encontrei a minha mãe rezando o terço e, de súbito, lhe perguntei:

“Por que o papai se matou?”.

A resposta foi uma chinelada na minha boca.

Como já havia derramado a cota de lágrimas daquele dia, não chorei mais. O que foi positivo, pois pude articular bem as duras palavras que, há tanto tempo, eu queria dizer:

“Papai se matou por sua culpa. Porque não tolerava mais viver ao seu lado. Você é uma velha insuportável. Insuportável”.

Perdi as contas de quantas chineladas recebi naquele dia. A noite me encontrou repleta de ódio e rancor. Parei de comer e fiquei mais esquelada que o nosso gado, que minguava a cada dia, pois minha mãe não conseguia dar conta dos trabalhos de casa e da roça. E minha tia, além de preguiçosa, não tinha habilidades para fazer outra coisa que não fosse flertar com os vendedores ambulantes que passavam em frente à nossa casa. E talvez se dedicasse tão fervorosamente a essas atividades porque não tinha nem que se levantar da cadeira que diariamente ela plantava na calçada de casa.

A mocidade foi chegando e comecei a sentir as inevitáveis alterações em meu corpo e em meus desejos. Foi quando houve a descoberta de algo que, para mim, seria posteriormente

mortal — o sexo. Os pelos, as erupções na pele, os odores, tudo isso me causavam a sensação de estar me transformando numa monstruosidade sem precedentes. Eram modificações para as quais eu não estava preparada e sobre as quais não encontrei explicações; nem de minha mãe, nem de minha tia, nem de minhas amigas, nem de nenhuma mulher daquela cidade que não falava sobre absolutamente nada sobre sexualidade. O máximo que minha mãe me dizia era que eu estava ficando feia e gorda. Passei a observar os animais e achava interessantíssimo os espetáculos sexuais protagonizados por cachorros, gatos, equinos, galináceos, enfim... Por toda a sorte de bichos aos quais eu tinha acesso. Ficava à espreita, esperando aqueles momentos de selvagem intimidade. Jamais tinha visto qualquer cena semelhante àquela entre seres humanos. Será se meus pai faziam aquilo? O máximo que houve foram uns barulhos estranhos em algumas noites, acompanhados de sussurros, risadas abafadas. Nessas ocasiões, eu ficava com muita raiva, porque achava que eles estavam se divertindo sem a minha presença. Com esses referenciais, avancei na adolescência.

No decorrer dos dias, sentia que minha mãe não me tolerava mais em casa. E vice-versa. Ambas procurávamos ficar o mínimo de tempo na companhia uma da outra. Nesses raros momentos, insistia na história de que eu deveria me casar com o dono da mercearia, que havia ficado viúvo recentemente. Acredito que a minha presença só se tornaria mais tolerável para ela se houvesse uma presença masculina em casa. O plano era que nos casássemos e que ela viesse morar com a gente. Inúmeras foram as vezes em que ouvi comentários do tipo:

“Que sina que tenho que carregar por não ter um filho homem”.

“E Lucas?”.

Chinelada na boca.

“Não tenho nenhum filho homem! Deus me levou o desnaturado do seu irmão. Depois, levou meu marido. E, agora, só me resta você. Uma imprestável”.

“Por que me bate tanto?”.

“Porque você não presta”.

“Preferia muito mais ser filha da bêbada Isaura”.

“Duvido se você ia querer viver na rua”.

“Sim, viveria largada na rua, mas não apanharia tanto”.

Assombrada com a possibilidade de casar com um homem que eu não conhecia direito e, pior, de ter que continuar a morar com mamãe, resolvi ir embora. Já que Lucas não pôde me ajudar, eu iria me virar sozinha. Não poderia continuar a viver naquele incessante tormento; caso contrário, meu destino seria idêntico ao de papai.

Foi numa madrugada gélida que caí na estrada. Esse era um movimento que sempre se repetia, quando eu me encontrava angustiada — sempre perambulava muito a esmo, pensando, imaginando que alternativas minha vida teria, mas sempre voltava para casa. Dessa vez, não. Saí caminhando por uma estrada completamente desconhecida. Meu objetivo era chegar em algum lugar diferente daquele, embora não soubesse qual. Sem alimento, sem roupas, apenas com alguns documentos que subtraí do baú de mamãe e que julguei importante levar comigo. Tremendo de frio, o fantasma da morte me perseguia. Mas, se eu morresse pelo caminho, que diferença iria fazer? Deitei num canto qualquer e adormeci. Acordei com clarão da aurora e, longe, avistei um grupo de mulheres vestidas com roupas coloridas. Pensei que pudessem ser ciganas. Pensei que pudessem ser putas. Pensei que pudessem ser as duas coisas. Assustei-me, pois sempre ouvi falar sobre os ciganos e as putas que rondavam a região e quão perigosos eles poderiam ser. Fui me aproximando do grupo até que as mulheres pudessem me ver.

“Pra onde vai, gurria?”, perguntou a mais velha do bando.

“Pra onde vocês me levarem”.

“É perigoso você ficar zanzando por aí sozinha”.

“Eu sei”.

“Parece que não”.

“Vocês são putas ou ciganas?”.

A mulher fez uma cara estranha; não de raiva, mas de quem não tinha entendido muito bem uma pergunta tão destrambelhada.

“Somos integrantes de um circo. Ficamos para trás, mas o restante da equipe vai mais à frente. Não os viu passar por aqui?”.

“Sempre quis fugir com um circo”.

“Não entendo o que diz... O que você esconde por trás dessas falas?”.

“Dor”.

“É dela que você quer fugir?”.

“Não dá para fugir da dor que sinto. Ela me acompanhará onde quer que eu vá. Mas talvez indo embora daqui eu possa evitar novas dores”.

A mulher me lançou um olhar prolongado. Senti-me convidada a ir com elas. Subi naquela carroça, que estava caindo aos pedaços. Enquanto seguia no rumo oposto ao qual surgi, olhei para a direção da minha cidade e decidi que nunca mais iria voltar. Nunca mais.

Bêbada antes das seis. Não importa se seis da manhã, seis da tarde. Sempre estou bêbada. E fumando. E trepando. Para mim, nada faz sentido. Há anos. A vida não passa de uma tentativa de fazer parecer que as coisas tenham algum sentido. Mas não têm! Não têm! Fazer parecer valer a pena. Viver é encontrar, todo dia, um motivo para não querer se matar. Fazer-se parecer interessante, inteligente, sensual, engraçada, atraente... Parecer. Ser.

Estou há vinte anos sem voltar para a cidade onde nasci. Mas os fantasmas do meu passado me assombram a todo instante. Que será que minha mãe imagina que aconteceu comigo? Estar longe me causa uma alívio imenso. Relembrar os acontecimentos da minha infância me causam uma alegria mórbida. Não queria voltar para aquela situação. Nunca mais. Porém, ao mesmo tempo, é como se houvesse algo que me atrai, que me puxa sinistramente para essas recordações. Tal qual meu irmão, quis apagar qualquer ponte que me ligasse aquele lugar. É por isso que bebo e fumo e faço sexo descontroladamente. Para esquecer. Definitivamente, não queria ser assim. Mas o que me impulsiona a repetir todas essas situações tão desagradáveis? Não é o sexo propriamente dito, mas sentimentos de arrependimento e de rejeição que vêm posteriormente; o desprezo daquela pessoa que me quis apenas como um mero objeto. É atrás disso que eu vou, sempre pedindo mais e mais.

Nunca mais queria ter que beber e fumar. Nunca mais queria ter que fazer sexo. Não queria mais me comportar como uma porca chafurdando na lama. Nunca mais encharcar meu corpo com bebida alcoólica, aos prantos, ouvindo Núbia Lafayette sangrar desatinadamente na vitrola. Fracasso, fracasso, fracasso, afinal. Não queria mais ter desejo. Sentir dependência de algo. Quero ausência de tudo; quero morte.

Decidi morar sozinha. Longe dos ruídos nojentos de outras pessoas. As pessoas só me interessam para o sexo casual. Nunca no meu apartamento, é claro. Prefiro lugares desconhecidos. Distantes. Ermos. Sujos. Quero homens, mulheres, homens e mulheres. De todos com quem me deito, sou fiel a um casal específico — Diogo e Susana. Costumo dizer que eles me “adotaram”. Frequentemente, saímos juntos, os três. Eles gostariam que eu me dedicasse apenas a eles, mas o meu desejo é maior; é insaciável.

A gente se conheceu em um clube. Matinê de carnaval. Enquanto o Diogo se refrescava na piscina, Susana tomava sol. Aproximei-me dela para pedir uma informação sobre a programação do dia e Susana, com seu olhar meigo e magnetizante, me capturou desde este primeiro momento. A voz era mansa e apaziguadora. O toque, aveludado. Suas mãos, de instante em instante, tocavam em meu ombro, para enfatizar as informações que me oferecia. Estava plenamente inebriada, até que Diogo se aproximou. Aquela presença me

perturbou. A troca de olhares entre eles e os olhares que dispensavam a mim me deixaram com muito tesão. A partir de então, passei a frequentar a casa deles para festas, reuniões, sessões de cinema. Até que um dia veio a irrecusável proposta, que partiu inesperadamente de Susana. Disse-me que o Diogo gostava de vê-la transando com outra mulher. Mas depois percebi que não era apenas um mero desejo dele; ela sentia intenso prazer em fazer sexo com outra mulher. E ele não gostava apenas de observar, mas também de participar. Ao nosso modo, fomos muito felizes por bastante tempo. Quando percebia que eles queriam me encurralar no relacionamento doentio deles, exigindo fidelidade de minha parte, eu desaparecia por alguns meses. Depois retornava. Desaparecia. Retornava...

Em uma das festas na casa de Diogo e Susana, conheci um homem muito interessante — Inácio. Bem mais velho do que eu, ele me enredou facilmente em suas histórias, geralmente sobre a saga de sua família. Disse-me, com pesar, que seu pai havia assassinado a própria esposa e fugido de casa quando Inácio ainda era um criança. Instigada por histórias familiares trágicas, fiz muitas perguntas. Perguntei onde moravam, para onde o pai havia fugido, qual o nome de seus pais. O choque veio quando Inácio disse o nome do pai dele, que era igual ao nome de meu pai. As idades também se equiparavam. A descrição física idem. Inevitavelmente, comecei a fantasiar que o pai de Inácio poderia ser meu pai. Um assassino que, após se livrar da esposa, abandonou os filhos e fugiu para um local distante, onde constituíra outra família que foi também tragicamente desestruturada. Isso poderia dar indícios sobre o que motivou o suicídio de papai. Excitada com essa história, deixei-me seduzir facilmente por Inácio. Poucos tempo depois, estávamos rolando em uma cama qualquer. Ao fim da transa, digo-lhe que sei qual o fim de seu pai e lhe conto a minha história. Revelo que, possivelmente, temos o mesmo pai e que ele se matou enforcado. Injuriado, Inácio me deu uma surra imensa, como há tempos eu não levava. Não tive nem como perguntar por que ele estava me batendo com tanta veemência. Ele partiu, deixando-me a sangrar. Não calculei a besteira que fiz. Tantos nomes iguais. Histórias iguais. Tragédias iguais. Por que o pai de Inácio teria que ser meu pai? Por que essa minha insistência em querer justificar a morte dele? Talvez seja loucura, mas, intimamente, eu sabia que Inácio era parte de minha família. E isso amenizava minha angústia. Depois daquele dia, nunca mais o vi. Perdi a oportunidade de encontrar a família do meu pai. A minha outra família. Dizer que ele havia destruído outras vidas além da deles.

Ele entra em meu quarto. Mais um homem. Mais um desconhecido, impregnado pelo odor do perigo, dono de um olhar penetrante, explicitamente ameaçador. Quem sabe dessa vez. Caminha até mim, mirando em meus olhos, fumando, exalando aquela fumaça abundante que me transtorna e me faz tremer de prazer. Deita-se sobre mim com fúria e dominação. Esfrega-se em mim; inunda-me com sua saliva. Preenche-me com seu sexo. À medida que sinto ele me invade, uma lembrança aterradora vem à minha mente. Algo que eu jamais pensei que pudesse relembrar.

Era fim de tarde. Corri da minha triste casa que não conseguia me conter, atrás daquele homem que errou juntamente por jamais ter tentado me conter. Corri do fantasma minha mãe que sempre me assombrou, mesmo estando viva; embora para mim ela já estivesse morta. Os vizinhos me viam correndo enlouquecidamente; eu mal enxergava, as lágrimas embaçando a minha visão. Contornei a praça, a igreja. Eu corri e corri... Até o cemitério.

Invadi o pequeno e cemitério. Como sempre, aberto, para quem quisesse passear, brincar ou saudar os seus mortos. Enxuguei as lágrimas. Observei bem se o coveiro não estava lá. Ele não podia me atrapalhar. Corri desesperadamente até onde meu pai foi enterrado, tão pobre, sem direito a nem um caixão. O corpo em contato direto com a terra pútrida. Desfazendo-me em lágrimas, com as minha pequenas mãos, comecei a cavar e cavar, com uma poderosa raiva. Não medi forças, não calculei danos, meus dedos frágeis de criança penetrando aquela terra maldita, ultrapassando pedras e folhas secas que laceravam minha pele, fazendo-a desmanchar-se em sangue. Estava cega, com aquela mistura de lágrimas, sangue, suor, saliva, revolvendo aquele leito fúnebre, em busca do meu pai. Buscava-o com raiva por ele ter partido e não ter me levado junto. Raiva de mim por ter deixado ele concretizar o nobre ato final. Raiva do mundo no qual eu não gostaria de estar. Raiva da minha mãe por ser tão ingênua ao depositar em mim a esperança de sua felicidade; logo em mim que nunca soube muito bem de onde arrancar força e inspiração para viver. A cada quantidade de terra que eu arrancava, eu sentia o cheiro. O cheiro horrendo de seus ossos, de sua carne putrefata, de sua decadência, de sua ruína. Era ali que eu queria estar. O mais perto possível da morte, em seus braços misericordiosos, aconchegantes. Um abraço que jamais receberia de alguém. Cavei e cavei. Exaurida, joguei-me e chafurdei com fúria em meio aquela terra já umedecida. Não consegui chegar até seu corpo, mas eu senti o seu calor sob mim. Sua tepidez cadavérica. O calor da morte. Um conforto alentecedor. Era ali que eu queria ficar. Para sempre.

Sinto o homem desconhecido jorrando seu gozo quente dentro de mim. Meu corpo se contorce em amplos espasmos. Quem sabe agora. Quem sabe dessa vez. Eu me despeça. Para sempre.

DOIS

Aquele anoitecer prometia trazer em seu rastro uma definitiva separação. Lara programara tudo minuciosamente. Agora estavam ali, sobre a cama, completamente despidos, sentados um de frente para o outro. O interior do chalé era caracterizado por uma decoração rústica, de coloração predominantemente telúrica. Um imenso espelho estava fixado em uma das paredes e, no lado oposto, uma pomposa lareira ardia em chamas. Lara exibe uma expressão séria. Parece estar apreensiva e mira David com um olhar penetrante.

“Vou embora”, declara Lara, resolutamente.

Silêncio.

“Embora?”, diz David, sem conseguir articular bem a palavra.

“Embora da sua vida”.

“Não entendi”.

“Não há mais nada entre nós, David”.

Tomado por uma sensação desconfortável, David parece incrédulo.

“Nada?”

“Nada”.

“Você chama de nada isso o que nós acabamos de fazer, Lara?”.

“O que nós acabamos de fazer não é o suficiente e não é o mais importante pra mim”.

“E o que é importante?”, diz David, rindo nervosamente.

“Você já deveria saber”.

“Ah, Lara! Já vai começar a fazer as suas reclamações de sempre?”.

“Não se preocupe. Nunca mais você vai ouvir as minhas reclamações”.

“Não?”.

A fala de David repleta de ironia atinge Lara pungentemente.

“Não. Estou indo embora, já disse”.

“E por que você me chamou pra viajar? Por que, agora há pouco, você se entregou pra mim de uma forma que você nunca tinha feito antes?”.

“Foi a despedida. Foi pra eu ter certeza de que ainda estou decidida a partir, mesmo que o nosso sexo seja bom, mesmo que eu ainda ame você”.

“Se me ama mesmo, por que está acabando tudo?”.

“Eu não estou acabando tudo. Foi você que acabou tudo. Foi você que aniquilou qualquer possibilidade de felicidade entre nós”.

“Eu?! Então, a culpa é toda minha?”.

“Não. Na verdade, eu também tenho culpa. Tenho culpa por ter alimentado a tola esperança de que você mudaria conforme o meu desejo, conforme as minhas necessidades. Tenho culpa porque diversas vezes me surpreendi jogando o seu jogo, mentindo e dissimulando descaradamente que nem você. Mas, ao contrário de você, eu não mentia pra te enganar, mas pra me proteger do sofrimento constante que você me causava”.

“Então você vai embora só por causa disso? Só porque eu brinquei algumas vezes com você?”.

“Eu vou embora porque eu não suporto mais os seus disfarces, o seu cinismo, a sua atitude autocondescendente, a sua indiferença durante todos esses anos em que estivemos juntos”.

“Não entendo o que você diz. Seja mais clara”.

“Não vou dizer mais nada. Tudo o que você tinha que saber já foi dito antes”.

“Já?”.

Lara irrita-se.

“Para com isso! Não se faça de desentendido! Já tivemos brigas terríveis em que deixei evidentes todas as minhas insatisfações. Já escancarei todos os meus sentimentos. Já me expus o máximo que uma pessoa pode se expor. E você o que fez? Continuou com essas brincadeiras e piadinhas ridículas. Mas agora, David, o show acabou”.

Lara ergue-se da cama e veste-se atribuladamente, contendo o impulso de sair dali nua do jeito que está. David observa atentamente os movimentos de Lara.

“Lara, eu sinceramente espero que você esteja consciente de tudo o que você vai perder”.

“Não tenho mais nada a perder”.

“Você vai sofrer”.

“O que?”.

“Lara, você vai sofrer muito longe de mim”.

“Pode ser mesmo que eu sofra. Mas você também vai sofrer”.

“Será? Não tenho tanta certeza disso. Você precisa mais de mim do que eu de você”.

“Eu fui sua fortaleza, David. Sempre que você ficava cercado de problemas de qualquer ordem, era a mim que você procurava, era em mim que você buscava esperança, era

em mim que você confiava cegamente. Mas bastava os seus problemas serem resolvidos por mim, bastava que as suas aflições desaparecessem, pra você voltar a me destruir, voltar a me tratar como uma pessoa qualquer”.

Lara pega uma mala que se encontra sobre um móvel e, do seu interior, retira um sobretudo. Veste-o e, em seguida, fecha a mala com força.

“David... Cheguei ao ridículo ponto de clamar a Deus para que esse momento não durasse muito”.

Lara respira profundamente e olha para David, que permanece estático sobre a cama.

“Adeus, David. Seja feliz”.

Lara apanha a mala e caminha em direção à porta. Quando está prestes a sair, David levanta-se abruptamente da cama e caminha no rumo de Lara, parando a uma moderada distância dela.

“Você vai voltar, Lara!”.

Lara fica paralisada. Lentamente, ela gira o corpo e aproxima-se de David; repousa a mala no chão e lança um olhar fulminante sobre ele.

“O que você disse?”

“Já terminamos outras vezes. E você sempre voltou. Dessa vez não poderá ser diferente. Tenho certeza de que você vai voltar”.

“Várias e várias vezes eu terminei com você porque ficava saturada dessa nossa relação mal resolvida. E várias e várias vezes eu voltei, porque acreditava que ia ser diferente. Mas, agora... Agora, David, eu consigo ver tudo claramente. Você pode tentar mentir pra mim quantas vezes você quiser, pois eu sempre vou saber que tudo não passa de uma verdadeira palhaçada sua”.

“Se eu me comportei dessa forma que você está me acusando foi porque você é extremamente possessiva e me deixa sufocado com tantas cobranças, com tanto controle”.

“Não adianta querer reverter a situação, como você sempre fez. Eu vou embora e ponto final”.

“Tem certeza?”

“Não vou mais repetir”.

Os dois ficam em silêncio durante alguns segundos. Lara mantém o olhar fixo sobre David. Ele fica visivelmente atordoado.

“Não tem mais volta?”

Lara balança a cabeça negativamente.

“E por que não tentamos de novo?”

“Não há mais nada para se tentar. Por que você insiste, David? Pensou que não era verdade? Pensou que era só mais uma encenação minha? Pois não é!”

“Você não pode me deixar dessa maneira. Eu não fiz nada!”

“Você não fez nada agora. Mas olha pra trás, David! Olha pra trás e perceba o quanto que você me fez sofrer. Não é um relacionamento assim que eu quero pra minha vida. Eu tenho amor próprio”.

“Você nunca falou assim comigo! O que foi que aconteceu? Você encontrou outra pessoa, Lara?”

“Não! Mas bem que eu merecia alguém diferente de você”.

“Nunca mais me ofenda desse jeito!”

“O que foi, David? Tá com medo de ficar sozinho? Ou você não suporta a ideia de ser abandonado por mim?”

“Não é nada disso, Lara”.

“É demais pro narcisismo doentio, admita!”

“Você pode até ir embora. Mas vai continuar me amando. E vai voltar arrependida, implorando pela minha atenção”.

“Você se dá muita importância, David. Agora já não sei mais se o que eu sentia por você era mesmo amor ou se era apenas uma doença insidiosa. Mas isso não importa mais. O que importa é que você fez pouco dos meus sentimentos e eu não vou mais tolerar isso”.

Um absurdo estrondo de um trovão faz tudo estremecer.

“Lara, você não pode ir embora agora. Tá quase de noite e logo vai começar a chover”.

“Não quero ficar mais nem um minuto ao seu lado. A chuva não vai conseguir me fazer um mal maior do que o mal que você me fez”.

“Por favor, Lara”.

“Escute bem, pela última vez: não há a menor possibilidade de eu levar essa relação adiante. Já aprendi a minha lição. Aprenda a sua também. Adeus, David”.

Lara pega a mala do chão e caminha em direção à porta de saída. David a acompanha e, bruscamente, retira a mala da mão dela, jogando o objeto no chão violentamente. Ele segura firmemente o braço da namorada e gira o corpo dela para que fiquem frente a frente. Olham-se profundamente. David desliza a sua mão pelo rosto de Lara, que se mantém impassível. Subitamente, agarra-a pela cintura e lhe dá um beijo na boca, intenso e demorado. Lara se entrega ao beijo e abraça David com fúria. Ao término do beijo, os dois estão ofegantes e mantêm os olhares alinhados. Lara tenta segurar o choro, mas as lágrimas escorrem de seus olhos. O silêncio inunda ambiente. Lara caminha até o local onde sua mala

foi parar, apanha a bagagem e caminha até à saída; abre a porta e, no umbral, ela para e olha para trás; observa David, que se encontra inconsolável, com os olhos úmidos de lágrimas, olhando consternadamente pra ela. Ouve-se novamente um barulho ensurdecedor de um trovão e, imediatamente, começa a chover de uma forma assombrosa. Lara sai do chalé, sob o forte temporal.

TRÊS

Aquele sebo, no centro da cidade, era um perfeito cenário para uma tragédia. Um lugar com decoração antiga, com predominância de tons amarronzados; comportava uma atmosfera sombria, misteriosa, com pouca luz. Incontáveis livros antigos repousavam em enormes e imponentes estantes de madeira. Tal estabelecimento pertencia a Jairo, um sexagenário professor de literatura estrangeira em uma universidade local. Um homem educado e atencioso com seus alunos, com seus clientes e com Inácio, o único funcionário do sebo. Em contrapartida, Jairo era extremamente rude e intolerante com Olívia, a sua esposa. A mesma proporção de delicadeza que ele reservava para as demais pessoas era a mesma de ódio e agressividade direcionadas à sua mulher.

Olívia, dona de magníficos olhos verdes e de uma beleza impressionante, viera morar no Brasil quando ainda era uma criança. Nascida na Espanha, em meio a uma família interiorana e tradicionalmente religiosa, ela teve dificuldades em adaptar-se aos costumes mais flexíveis de uma cidade grande. Bastante dedicada ao culto ao espírito e fortemente submissa aos dogmas da religião de sua família, desde muito cedo Olívia ostentava um notável crucifixo prateado preso a um colar, o que era considerado uma marca feminina de seu núcleo familiar. Os seus pais morreram quando ainda era muito jovem, num desastre de automóvel, deixando-a à mercê de Jairo, um amigo muito próximo que os ajudou a se estabelecerem confortavelmente no Brasil. Entre ser arremessada à miséria e tornar-se uma vítima de um matrimônio indesejado, Olívia preferiu a última opção. Com o passar dos anos, ela foi se conformando ao temperamento de Jairo e, com muito sofrimento, teve que lidar com o drama de não ter podido conceder a ele um filho. Retraída, Olívia passava a quase totalidade do tempo trancafiada em seu quarto, no andar superior do sebo, entre velas, incensos, imagens de santos e fervorosas orações.

A monotonia se rompeu quando Jairo contratou um funcionário para auxiliá-lo no estabelecimento. Inácio, um belo rapaz de 20 anos, desde muito criança sentia-se fascinado pela literatura e pela promessa de liberdade que ela lhe inspirava. Foi sem hesitação que Jairo

o contratou, quando percebeu os seus distintos dons. Muito inteligente, culto, denso conhecedor da literatura mundial, o garoto dominava, como poucos, os nomes das mais variadas obras e dos mais diversos escritores, quaisquer que fossem estilos e épocas. Inácio apreciava trabalhar no sebo, pois estava em constante contato com pessoas interessantes, que contribuíam para o seu enriquecimento cultural, algo que era impossível de se conseguir em seu ambiente familiar, extremamente pobre e indiferente ao engrandecimento cultural.

Logo no primeiro dia de trabalho de Inácio, Jairo solicitou que o garoto fosse apanhar uma rara edição de um livro que estava guardado no piso superior do estabelecimento. Inácio subiu e pegou o livro na estante indicada. Antes de descer, observou um cômodo cuja porta estava entreaberta. Ouvia suaves murmúrios, sentia um intrigante cheiro de velas queimando; isso foi lhe guiando até o quarto de Olívia. Ao observar o cômodo pela pequena abertura da porta, Inácio surpreende-se ao ver uma belíssima mulher, rezando compenetradamente. Para mirá-la melhor, abriu mais a porta. Interrompida pelo macabro barulho das dobradiças enferrujadas da porta, Olívia se virou e se deparou com Inácio. Os olhares de ambos se cruzaram e, imediatamente, algo de enigmático sucedeu ali. Timidamente, Inácio pediu desculpas e desceu as escadas, perturbado.

Naquela noite, Olívia não dormiu. A imagem do rosto de Inácio não lhe saía da cabeça em nenhum instante. A partir de então, Olívia passou a descer ao sebo, mais frequentemente, tentando aproximar-se de Inácio, buscando conhecê-lo cada vez mais. Para despistar o marido, dizia que queria ajudar nas vendas do sebo e se informar mais a respeito dos livros. Alegava que, sabendo um pouco mais de literatura, poderia conversar de uma maneira mais consistente com o marido, com quem a pobreza de diálogo era vergonhosamente evidente. Jairo estranhou aquele interesse súbito, mas permitiu que Olívia participasse do trabalho.

Nos momentos em que Jairo estava fora, resolvendo pendências burocráticas do sebo ou ministrando palestras, Inácio e Olívia puderam estreitar as afinidades intelectuais e sentimentais. Inácio, hipnotizado pela figura exuberante de Olívia, começou a introduzi-la no universo da literatura. Longas horas se passavam enquanto ele lhe falava sobre os mais encanadores livros e autores. A chegada de Jairo cindia aquele casal que estava em pleno processo de construção. Inácio e Olívia passaram a rezar juntos, para que Jairo se ausentasse mais de casa. Chegaram a cogitar a possibilidade de se encontrar em outro local, mas Jairo preservava obsessivamente a presença de Olívia em casa.

Os encontros diurnos durante o trabalho passaram a ser insuficientes para os amantes, já que não tinham liberdade para exceder os limites que tanto ansiavam por ultrapassar. Então, decidiram se encontrar furtivamente, à noite, entre as estantes do sebo, enquanto Jairo dormia

no piso superior. Olívia percebe-se enredada em uma avassaladora e perigosa situação, que contrastava inexoravelmente com as suas crenças religiosas. Entretanto, não conseguia conter o seu desejo; tarefa também impossível para Inácio. Os dois trocaram tolas juras de amor e teceram inexequíveis planos para fugir juntos.

Certo dia, Jairo comunicou à Olívia que teria que passar vários dias viajando por diferentes cidade, a fim de proferir palestras. Era a ocasião perfeita para Olívia e Inácio se entregarem um ao outro sem reservas. Aguardaram ansiosamente o dia da partida de Jairo. Quando ele se foi, decidiram que o sebo seria o cenário mais adequado para as suas práticas amorosas e sexuais. Olívia enfeitou o ambiente com muitas velas, incensos e flores, tal qual como fizera em seu altar particular. Inácio ainda insistiu para que ficassem no quarto, mas isso era inconcebível para Olívia, que pretendia ter o mínimo de respeito pelo leito matrimonial. Chegada a noite, Inácio e Olívia entregaram-se freneticamente ao gozo que tanto tinham adiado. Na loucura do prazer, Olívia revelou a Inácio que ele era fisicamente muito semelhante a um outro amante que ela havia tido no passado e que havia sido assassinado covardemente por Jairo. Tal revelação deixou Inácio inquietantemente tenso. Pior que isso, foi o que veio a seguir. Jairo não tinha viagem nenhuma programada e criou aquela estratégia para flagrar a mulher se deleitando nos braços do jovem rapaz. Há tempos, ele já havia percebido os movimentos suspeitos da esposa e do empregado. Flagrar Olívia e Inácio fazendo sexo em meio àquelas estantes de livros que ele tanto considerava, deixou Jairo malignamente furioso. Sob uma incontável ira, Jairo agrediu os amantes, ameaçando-os com uma arma de fogo. Quando Jairo apontou a arma para Olívia, Inácio se lançou sobre o professor, para tentar impedir que Olívia fosse ferida. Os dois homens travaram uma confusa luta corporal, chegando a derrubar estantes de livros, dentre outros móveis e objetos. Olívia utilizou-se de suas velas e incendiou várias estantes de livros, em pontos estratégicos. As chamas rapidamente se espalharam por todo o estabelecimento. Quando Jairo e Inácio se deram conta do que estava acontecendo, já era por demais tarde para reverter aquela tragédia. Olívia ajoelhou-se, diante do marido e do amante, e começou a rezar, resignadamente.